

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 3 Setembro - Dezembro 2025

NOTA DE PESQUISA

À MARGEM DO FORTE E DA HISTÓRIA: A INVISIBILIDADE INDÍGENA NO PASSADO DO IGARAPÉ DA FORTALEZA, NO AMAPÁ

Avelino Gambim Júnior*, Jelly Juliane Souza de Lima**, Ronald Sena Pinto***, Joely Priscila Souza de Lima****, Franciane dos Santos Batista*****, Carlos Eduardo Barbosa*****

RESUMO

O estudo das antigas fortificações amazônicas do período colonial contribui para um melhor conhecimento sobre o processo de defesa e ocupação europeia. No Amapá, no município de Santana, às margens do Igarapé da Fortaleza, localizam-se as ruínas do antigo Forte Santo Antônio de Macapá, conhecido como Forte Cumaú. Ao iniciarmos, em setembro de 2024, um projeto de avaliação de impacto ao patrimônio arqueológico nas proximidades desse sítio arqueológico, nos deparamos com uma apropriação do passado europeu nessa região. Nesta nota de pesquisa, problematizamos o apagamento da presença indígena no passado, ainda persistente no presente. A partir do relato de pesquisa em curso, procuramos compartilhar experiências do fazer arqueologia, que têm como desafio afirmar a presença indígena no lugar, num contexto fortemente marcado por uma história eurocêntrica.

Palavras-chave: História; Colonialismo; Povos indígenas; Invisibilidade; Amapá.

* Mestre em Arqueologia pelo Museu Nacional (PPGARq/UFRJ) e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS/UFMA).

E-mail: avgambimjunior@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3563-0574>.

** Mestre em Arqueologia pelo Museu Nacional (PPGARq/UFRJ) e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS/UFMA).

E-mail: julianejelly@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1483-2874>.

*** Graduando em Segurança Pública pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniassevi).

E-mail: r.senabda@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0860-9862>

**** Pós-graduada especialista em Ensino de Ciências pelo Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas (PROEPPI-IFAP). E-mail: joelly.pryscilla1992@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6869-3169>

***** Graduanda em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

E-mail: dossantosbatistafranciane10@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4369-6371>

***** Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

E-mail: edusaint05@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8067-7123>.

ON THE SIDELINES OF THE FORT AND HISTORY: INDIGENOUS INVISIBILITY IN THE PAST OF THE *IGARAPÉ DA FORTALEZA*, AMAPÁ

ABSTRACT

Studies of the ancient colonial fortifications in Amazonia have contributed to a better understanding of the process of European defense and occupation. The ruins of the former Forte Santo Antônio de Macapá, known as Forte Cumaú, are located in Amapá, municipality of Santana, on the banks of the Igarapé da Fortaleza. Upon starting, in September 2024, an impact assessment project on archaeological heritage near this archaeological site, we faced an appropriation of the European past in this region. In this study, we problematize the erasure of the Indigenous presence in the past, still persistent in the present. Based on the ongoing research report, we seek to share experiences in archaeology, which faces the challenge of affirming the Indigenous presence in a location within a context strongly marked by a Eurocentric history.

Keywords: History; Colonialism; Indigenous people; Invisibility; Amapá.

AL MARGEN DEL FUERTE Y LA HISTORIA: INVISIBILIDAD INDÍGENA EN EL PASADO DE *FORTALEZA DO IGARAPÉ*, AMAPÁ

RESUMEN

El estudio de las antiguas fortificaciones coloniales amazónicas ha contribuido a un mejor conocimiento sobre el proceso de defensa y ocupación europea. En Amapá, en el municipio de Santana a orillas del Igarapé da Fortaleza se encuentran las ruinas del antiguo Forte Santo Antônio de Macapá conocido como Forte Cumaú. Al comenzar, en septiembre de 2024, un proyecto de evaluación de impacto en el patrimonio arqueológico cerca de este sitio arqueológico, enfrentamos una apropiación del pasado europeo en esta región. En esta nota de investigación, problematizamos el borrado de la presencia indígena en el pasado que aún persistente en el presente. Desde el informe de investigación en curso, buscamos compartir experiencias de arqueología que tienen el desafío de afirmar la presencia indígena en un contexto fuertemente marcado por una historia eurocéntrica.

Palabras clave: Historia; Colonialismo; Pueblos indígenas; Invisibilidad; Amapá.

Na Amazônia, as pesquisas realizadas no âmbito da arqueologia histórica, inicialmente se concentraram nos estados do Pará, Amazonas, Rondônia e Amapá, tendo como foco os estudos das chácaras, missões religiosas, engenhos, fortes, largos, mercados, vilas, casas, centros históricos, sítios urbanos e, esporadicamente, os quilombos (Costa, 2017). Como sugere o texto de Marcos Albuquerque e Velela Lucena (2010), um dos potenciais da arqueologia amazônica, sem dúvidas, são os assentamentos e fortificações de diferentes bandeiras. Nos últimos anos, as pesquisas arqueológicas em sítios do período colonial, especificamente localizados no Amapá, como as fortificações e os fortes, contribuíram para um melhor conhecimento sobre o processo de defesa e ocupação deste território pelos colonizadores europeus no passado. Para Marcos André Torres de Souza (2017), uma das razões para a exclusão progressiva dos grupos indígenas na arqueologia histórica, se deve à separação entre os campos da arqueologia pré-colonial (“pré-histórica”) e histórica. Na interface entre esses dois campos, foi criado um limbo, um abismo em que os estudos dedicados aos grupos indígenas que viveram durante o contato e posteriormente a ele (Silliman, 2022; Souza, 2017).

No estado do Amapá, no município de Santana, na margem direita do Igarapé da Fortaleza, estão localizadas as ruínas do antigo Forte Santo Antônio de Macapá, conhecido popularmente como Forte Cumaú. Em síntese, os ingleses fundaram em 1631 o forte Cumaú. Em 1688, ao reconquistar a área, os portugueses reconstruíram, sobre as ruínas do Forte Cumaú, o Forte Santo Antônio de Macapá. O Forte Santo Antônio de Macapá, em 1697, foi dominado pelos franceses que desciam de Caiena, da Guiana Francesa. Em 1738, os portugueses ergueram um pequeno baluarte a cerca de 2 ½ léguas de distância do forte Santo Antônio de Macapá. O Conselho Ultramarino português, em 1740, decidiu que fosse construída uma fortificação de maior envergadura, sendo essa função, mais tarde, desempenhada pela Fortaleza de São José de Macapá, e o Forte Santo Antônio de Macapá, antes Forte Cumaú, passou pelo processo de total abandono.

Em diferentes momentos, a área em que estão inseridas as ruínas do antigo forte foi alvo de interesse da arqueologia. O Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), coordenado pelo pesquisador Marcos Albuquerque, realizou uma prospecção arqueológica, sendo encontrada parte das ruínas do antigo forte mutilado, por ações como retirada de terra (Albuquerque; Lucena, 2010). No Sistema de Informação Eletrônica (SEI), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), há uma documentação que mostra o interesse da comunidade do Igarapé da Fortaleza pela preservação das ruínas do antigo forte¹. Em 2012, o Núcleo de Arqueologia do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (Iepa), realizou uma pesquisa² na área das possíveis ruínas do forte, coordenada pelos arqueólogos Fernando Marques, João Saldanha e Mariana Cabral. Nesse contexto, percebemos que as pesquisas realizadas na área das ruínas do antigo forte estavam mais focadas no passado europeu que emergiram com as ações da arqueologia no entorno das ruínas do antigo forte.

Em 2024, no âmbito do licenciamento ambiental, os pesquisadores Jelly Lima e Avelino Gambim Júnior coordenaram o “Projeto³ de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área do empreendimento Enasal-Empresa de Navegação Irmãos

¹ Processo SEI 01424.000168/2012-49

² Essa ação visou subsidiar a “Pesquisa histórica e arqueológica do Forte Cumaú”, que foi alvo de processo licitatório do Iphan e que o Núcleo de Arqueologia do Iepa foi o vencedor (Marques; Saldanha; Cabral, 2012).

³ Processo SEI 01424.000139/2024-11

Santana: Navios Ana Beatriz, município de Santana, Estado do Amapá”⁴. Ao iniciarmos a pesquisa de campo, também tivemos uma preocupação com as ruínas do antigo forte. Nesse contexto, por exemplo, a equipe do projeto passou a utilizar camisas com a iconografia do antigo Forte Santo Antônio de Macapá, que ficou conhecido popularmente como Forte Cumaú.

Durante a pesquisa de campo, resolvemos fazer um aprofundamento sobre o contexto histórico e arqueológico dessa área. Assim, percebemos que não muito diferente do que fizeram os outros pesquisadores que tiveram a oportunidade de estudar esse contexto histórico e arqueológico, havia uma ênfase em uma história colonial e eurocentrada, ou seja, a “história do vencedor europeu”. A história das ruínas do antigo forte passaram também a ser apropriadas por diferentes segmentos da sociedade como empresas, comércios, obras ligadas ao governo, movimentos de defesa pela preservação das ruínas do antigo forte e até grupos de dança. Quanto à comunidade do bairro do Igarapé da Fortaleza, ao convivermos nesse lugar, passamos a perceber que ela vive imersa em uma rede de desinformação e de pseudociências que se apropriam de informações documentais, arqueológicas e da própria oralidade para respaldar uma explicação extraordinária sobre o passado europeu. Como menciona Pedro Paulo Funari (2021), a história contada pela arqueologia serve para mostrar um passado, às vezes pouco conhecido, mas presente nas fontes materiais, de forma a questionar diversas “verdades” de invenção recente, ou seja, simples *fake news*.

Diante desse quadro histórico, passamos a nos perguntar sobre a história do invisibilizados, como já fizemos de forma precursora em projetos⁵ de arqueologia, ao focarmos a presença africana e de seus descendentes e dos indígenas na fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. Diante desse compromisso social com as comunidades quilombolas de Vila Velha do Cassiporé, Kulumbu do Patuazinho e Cunani, partimos do aprofundamento entre a arqueologia e das relações que envolvem as diferentes materialidades que emanam a diáspora e ancestralidade africanas em seus territórios (Lima, 2024; Lima; Gambim Júnior, 2022; Lima *et al.*, 2022a; Lima *et al.*, 2022b; Lima *et al.*, 2024a; Lima *et al.*, 2024b). No contexto da pesquisa e desse olhar sobre as ruínas do antigo forte, nos perguntamos: onde estão os indígenas nessa história? Como reverter esse apagamento? O que fazer diante dessa única versão da história que prevalece o passado europeu?

Para chamar a atenção da comunidade em geral, os materiais informativos da pesquisa passaram a conter na arte gráfica os grafismos indígenas que encontramos na cerâmica coletada durante a vigência do Projeto de “Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área do empreendimento Enasal-Empresa de Navegação Irmãos Santana: Navios Ana Beatriz, município de Santana, Estado do Amapá” (Lima; Gambim Júnior, 2024). Além disso, em ações educativas nas escolas e em visitas em casas e estabelecimentos comerciais da região, também buscamos informar as pessoas sobre as histórias dos grupos invisibilizados como os indígenas, pois, como lembra Ailton Krenak (2022, p. 23): “se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que todos somos iguais”, o que destrói outras histórias possíveis e “apaga” identidades.

Nas ações informativas, quando a história das ruínas do antigo forte emergia, a equipe de arqueologia lançou uma pergunta inversa: “você acha que o forte foi

⁴ Processo SEI 01424.000139/2024-11

⁵ Esse é o caso do Projeto “Memórias da terra: patrimônio arqueológico da comunidade de Vila Velha do Cassiporé, AP”, que, desde 2018, realiza pesquisa buscando dar visibilidade a história dos africanos e seus descendentes.

construído somente pelos europeus?”. A presença indígena na região é reforçada pela documentação histórica, como já mostrou Lodewijk Hulsman (2011) sobre a prática do comércio intercontinental entre holandeses e indígenas, no período colonial. Além disso, as materialidades indígenas evidenciadas durante a execução do projeto, reforçam a presença dos indígenas nas proximidades das ruínas do antigo forte. Como destacamos nas conversas com a comunidade em geral: “O apagamento é um ato político de um grupo com a intenção de dominar ou eliminar outro por diversos meios, incluindo a manipulação das narrativas” (Noelli; Sallum, 2023, p. 117). Por essa razão, essa região do Amapá ainda é conhecida e reconhecida pela ótica colonial.

Ao seguir a inversão da lógica, nos eventos acadêmicos passamos a apresentar⁶ a questão da invisibilidade indígena desse contexto histórico. Além disso, a participação na equipe do projeto da jovem pesquisadora indígena Karipuna da região do Oiapoque, Franciane Batista reforçou a responsabilidade, o respeito e os afetos que nós pesquisadores devemos ter com história dos povos originários. Ao considerarmos a perspectiva da descolonização e ao criticar a construção unilateral do conhecimento, nos engajamos ao lado da resistência e da luta contra a desigualdade, que interfere na manutenção das memórias, da diversidade e dos patrimônios culturais (Sallum, 2022).

Como lembram Francisco Noelli e Marianne Sallum (2023, p. 227), “não existe colonialismo sem conflito e a comunidade da arqueologia, não é um território neutro ou livre de divergência teóricas e políticas”. É preciso reconhecer a persistência e como as pessoas invisibilizadas fizeram escolhas para resistir, se acomodar ou evitar as imposições coloniais (Panich, 2020). Na arqueologia histórica, os estudos que envolvem a presença dos indígenas ainda podem ser considerados como muito escassos (Souza, 2017). Para Stephen Silliman (2022), o sucesso do futuro das arqueologias históricas será certamente na forma como se engajam, escutam e incorporam as vozes e participações dos grupos invisibilizados que estiveram do outro lado do colonialismo. A partir do relato desta pesquisa em curso, procuramos compartilhar experiências do fazer arqueologia, que apresenta como desafio afirmar a presença indígena no lugar, diante de um contexto fortemente marcado por uma história eurocêntrica. Nesse contexto é que percebemos que os povos indígenas têm ficado à margem do forte e da história nas narrativas hegemônicas no Igarapé da Fortaleza. Assim, é preciso fazer o que sugeriu Sonya Atalay (2006): um ajuste de contas com as realidades silenciadas pelo colonialismo. Esse ajuste pode ser buscado, além das evidências arqueológicas, por meio de colaborações de pesquisa e incorporação de outras narrativas, afirmando a centralidade dos povos indígenas enquanto agentes protagonistas de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Velda. Arqueologia Amazônica: o potencial arqueológico dos assentamentos e fortificações de diferentes bandeiras. In: PEREIRA, Edith.; GUAPINDAIA, Vera Lúcia (org.). *Arqueologia amazônica* 2. Belém: MPEG, IPHAN, SECULT, 2010. p. 968-1019.
- ATALAY, Sonya. Indigenous Archaeology as Decolonizing Practice. *The American Indian Quarterly*, v. 30, n. 3, p. 280-310, 2006.
- COSTA, Diogo Menezes. Arqueologia Histórica Amazônica: entre sínteses e perspectivas. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 154-174, 2017.

⁶ No V Seminário de Teoria Arqueológica Contemporânea (Seta), Eixo 01 “Arqueologias por e para pessoas e histórias invisibilizadas”, em 2024.

- FUNARI, Pedro Paulo Funari. Anacronismos e apropriações. In: PINSKY Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos combates pela História: Desafios e ensino*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 115-146.
- HULSMAN, Lodewijk. Swaerooch: o comércio holandês com índios no Amapá (1600-1615). *Revista Estudos Amazônicos*, v. 6, n. 1, p. 178-202, 2011.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LIMA, Jelly Juliane Souza. A presença negra na Amazônia revelada pela arqueologia. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, dez. 2024. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/a-presenca-negra-na-amazonia-revelada-pela-arqueologia/>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- LIMA, Jelly Juliane Souza; GAMBIM JÚNIOR, Avelino. *Projeto de "Avaliação de Impacto ao patrimônio arqueológico na área portuária Irmãos Santana justaposta à área do sítio 'Ruínas do Forte Cumaú'"*. Macapá: [s. n.], 2024.
- LIMA, Jelly Juliane Souza; GAMBIM JÚNIOR, Avelino. *Relato de experiência: a prática da pesquisa histórica e o uso de metodologias alternativas para o reconhecimento do território da Comunidade Quilombola Kulumbu do Patuazinho na fronteira franco-brasileira*. *Kwanissa*, v. 5, n. 12, p. 437-460, 2022.
- LIMA, Jelly Juliane Souza et al. *Memórias da terra: patrimônio arqueológico da comunidade de Vila Velha do Cassiporé, Amapá*. São Paulo: D7, 2022a.
- LIMA, Jelly Juliane et al. Territorialidade negra no espaço transnacional entre Brasil e Guiana Francesa: o caso da comunidade quilombola Kulumbu do Patuazinho (1990 a 2021). *Cadernos do Lepaarq*, v. XIX, n. 38, p. 164-189, 2022b.
- LIMA, Jelly Juliane Souza et al. A emergência da história negra por meio do projeto Memórias da Terra: patrimônio arqueológico da comunidade de Vila Velha do Cassiporé. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 2, p. 265-271, 2024a.
- LIMA, Jelly Juliane Souza et al. Projeto "Memórias da terra: patrimônio arqueológico da comunidade de Vila Velha do Cassiporé, AP", atividades de pesquisa referentes aos anos de 2018 e 2023. *Cadernos do Lepaarq*, p. 152-174, 2024b.
- MARQUES, Fernando Luiz Tavares; SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. *Projeto de investigação arqueológica nas possíveis "ruínas do Forte Cumaú, município de Santana, AP"*. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá. Macapá, 2012.
- NOELLI, Francisco Silva; SALLUM, Marianne. O apagamento dos povos indígenas nas narrativas do passado e do presente: arqueologia e história de São Paulo. *CLIO Arqueológica*, v. 38, p. 116-144, 2023.
- PANICH, Lee. *Narratives of Persistence: Indigenous Negotiations of Colonialism in Alta and Baja California*. Tucson (US): University of Arizona Press, 2020.
- SALLUM, Marianne. Por uma "aliança afetiva" entre a Arqueologia e os Saberes Tradicionais: Contribuições para o entendimento da sociedade moderna no Brasil. *Cadernos do Lepaarq*, v. XIX, n. 37, p. 273-300, 2022.
- SILLIMAN, Stephen. Colonialismo na Arqueologia Histórica: uma revisão de problemas e perspectivas. *Cadernos do Lepaarq*, v. 19, n. 37, p. 26-54, 2022.
- SOUZA, Marcos André Torres. A arqueologia dos grupos indígenas em contextos históricos: problemas e questões. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 144-153, 2017.